



MISSIONÁRIA DA SAGRADA FACE BEATA MARIA PIERINA DE MICHELI

Revista trimestral das Filhas da Imaculada Conceição de Buenos Aires
Autorização do Tribunal de Roma nº 201/2009 de 18/06/2009

ANO XXVII – Nova Série
Via Asinio Pollione, 5 – 00153 ROMA – Tel. 06.5743432



Com a aprovação do Vicariato de Roma

Diretor: Nicola Gori

Para solicitar a vida, as imagens da Beata como sinal de graças e favores obtidos por sua intercessão, favor contatar:

Filhas da Imaculada Conceição de Buenos Aires

Via Asinio Pollione, 5 - 00153 Roma

Email: madrepiarina@gmail.com

C/C postale 82790007

C/C bancario: IBAN IT 34 F 02008 05012 000004059417

presso UNICREDIT BANCA

Design e layout: Lello Gitto - Foggia

Tipografia Ostiense - Roma - Via P. Matteucci, 106/c

Acabado de imprimir no mês de junho de 2021



MISSIONÁRIA DA SAGRADA FACE

BEATA MARIA PIERINA DE MICHELI



145

ABRIL/JUNHO DE 2021

O SACRAMENTO
DA RECONCILIAÇÃO

Cardeal Mauro Piacenza

3

AS VERÔNICAS

12

CÂNTICO À SAGRADA FACE

Santa Teresa de Lisieux

DO DIÁRIO DE MADRE
MARIA PIERINA
DE MICHELI

12 de junho de 1941

15

SUMÁRIO

A emergência sanitária devida à Covid-19 continua em todo o mundo. O Papa Francisco nos pediu para recitar o terço e rezar à Virgem Maria para que a pandemia termine o mais rápido possível. Também nós somos chamados a aceitar este apelo e a rezar à Sagrada Face e à Beata Maria Pierina de Micheli, para que o Senhor tenha misericórdia da humanidade e intervenha para pôr fim à seqüela trágica da dor e da morte. Convidamos, portanto, todos os devotos da Beata a unirem-se numa corrente de oração com a intenção de apoiar aqueles que sofrem, os que são chamados a cuidar dos doentes, quantos foram esmagados pela crise econômica, pelos que choram a perda de seus entes queridos.

Invocamos Maria para que ela liberte as almas dos defuntos e apresse sua entrada no Paraíso.

Neste número, queremos propor uma palestra do Cardeal Mauro Piacenza, Penitenciário-Mor, sobre o tema «O Sacramento da Reconciliação, caminho de santificação». Nunca como agora foi tão importante abeirar-se dos sacramentos, em



particular da Confissão, a fim de viver em contato mais próximo com Jesus. As condições do nosso tempo e os desafios que somos chamados a enfrentar exigem isso. Se a situação se tornar cada vez mais difícil e cheia de obstáculos, temos a possibilidade de aceder à misericórdia divina através do Sacramento da Penitência e da Eucaristia. Estes Sacramentos

são o penhor de que o homem não está sozinho nem abandonado ao seu destino, mas que está firmemente protegido nas mãos de Deus. De fato, o destino da humanidade não é marcado apenas pelas escolhas dos indivíduos, mas se insere numa história de salvação que transcende o momento presente e se lança na eternidade. Não há dúvida de que a fé é necessária para se render a Deus quando as coisas não correm bem, mas às vezes é necessária ainda mais fé quando as coisas dão certo. Muitas vezes, o homem encontra suas melhores energias quando é colocado sob pressão e tem que responder às solicitações que a vida lhe impõe impiedosamente. Por esta razão, o cristão tem mais uma razão para ser sereno, porque sabe que nada escapa à Providência divina e tudo contribui para o bem último das almas.

A redação

O SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO

Publicamos a Lectio magistralis sobre o tema «O Sacramento da Reconciliação, caminho para a santificação», do Cardeal Mauro Piacenza, Penitenciário-Mor da Santa Igreja Romana, proferida na segunda-feira, 8 de março, durante o XXXI Curso sobre o foro íntimo.

O Sacramento da Reconciliação não é apenas a remissão dos pecados mortais cometidos desde a última confissão; é — como bem sabemos — muito mais! É o sacramento que, ao nos libertar do pecado, nos coloca em plena comunhão com Deus, com o divino *Ágape* tripessoal, com o grande Mistério que faz todas as coisas e do qual o universo depende e brota continuamente.

1. Só Deus é Santo

A Reconciliação Sacramental nos coloca em comunhão com o Santo dos Santos, em comunhão com o Único Santo, do qual flui toda santidade.

Na narração bíblica do Antigo Testamento, a santidade é um atributo próprio somente de Deus, pertencente a Seu próprio Ser, capaz de mostrar, precisamente na distância absoluta do homem pecador, a transcendência

do Criador em relação à criatura, a transcendência do infinito em relação ao finito.

Diante do Santo dos Santos cobrimos nosso rosto, tiramos nosso calçado, e somente por misericórdia podemos ouvir sua voz que traça o antigo caminho da Aliança, em fidelidade à Lei do Sinai, ou seja, aos Dez Mandamentos, que para Israel é a própria fidelidade a Deus, ao Santo.

O reconhecimento da unicidade da Santidade divina é, portanto, diretamente proporcional à consciência do próprio limite, do próprio pecado, da própria traição e prostituição! É exatamente a prostituição da idolatria, claramente denunciada pela profecia bíblica, o primeiro e mais dramático dos pecados de Israel. A idolatria é, na verdade, um não reconhecimento de Deus, de Sua Unicidade e de Sua Santidade! Se Deus é Deus, o único



Santo, Ele merece ser reconhecido, conhecido, seguido e servido por todo o povo, por todo o homem e por todos os homens.

Também em nosso tempo, queridos irmãos – lembremo-nos sempre – o primeiro pecado nunca deve ser procurado na segunda parte do Decálogo, mas na primeira; o primeiro pecado da nossa época é idêntico ao pecado de Israel: é um pecado de idolatria, que torna o homem incapaz de reconhecer a Santidade de Deus, chegando, conseqüentemente, a auto-excluir-se dela. Na verdade, ninguém pode desejar participar do que não reconhece!

Neste sentido, com força, tanto as normas litúrgicas do Deuteronômio como os poderosos apelos à conversão do profetismo têm solicitado constantemente o povo a elevar a Deus um culto capaz de reconhecer sua absoluta alteridade, um culto no qual finalmente se pudesse rezar a Deus segundo a Lei de Deus, rezar a Deus com as palavras de Deus, para que o Santo fosse reconhecido como Santo e o povo lhe tributasse uma adoração justa.

Tal alteridade, que podemos reconhecer no dado veterotestamentário, manteve o Santo longe do pecador; manteve o Deus de Abraão, Isaac e Jacó longe do *homo viator* concreto, que, consciente de sua própria inadequação, só podia ter esperança na Misericórdia divina, sem nunca ter certeza disso. Ele podia esperar

unicamente no amor insondável de Deus e em sua capacidade de tornar «brancos como a neve os pecados vermelhos como escarlata» (cf. *Sl* 50). Contudo, à tradição do Antigo Testamento faltava uma presença que tornasse justificada a certeza da esperança futura.

Assim, de fato, Santo Tomás de Aquino descreve a esperança como a certeza do futuro em virtude de uma realidade presente. A presença da Arca da Aliança no templo de Jerusalém não era suficiente para se ter certeza da misericórdia divina. Era muito oportuno e conveniente que o Santo se manifestasse na carne, para que o homem, na carne, pudesse experimentar a santidade e a proximidade de Deus. No mistério da Encarnação, que é o cumprimento de todas as promessas de Deus ao povo de Israel, reconhecemos a plena manifestação da santidade de Deus, que, não renunciando à sua Divindade, mas apenas à Glória que lhe era própria (cf. *Fl* 2, 6), não desdenhou de se fazer homem, de assumir o limite espaço-temporal de nossa corporeidade criada e, de forma ainda mais desconcertante – se possível – de assumir nosso pecado a



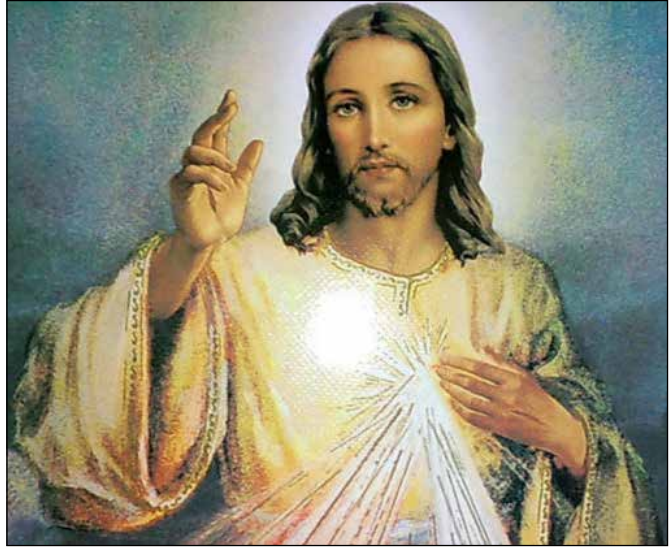
fim de nos libertar dele.

São Paulo o declara em sua Segunda Carta aos Coríntios quando diz: «Aquele que não conheceu pecado, Deus o tratou como pecado...» (2 Cor 5, 21).

O Santo se fez carne! A santidade se fez carne! O Santo e a Santidade, a partir de Cristo, habitam entre nós, até o fim dos tempos também habitarão na terra.

Esta, queridos irmãos, é a razão pela qual no Credo dizemos que a Igreja é santa! Esta é a razão pela qual, até o fim dos tempos, viveremos na segunda missão trinitária, a do Espírito Santo, que é o Espírito de Cristo, que procede do Pai, inundando continuamente a terra com a oferta salvífica da santidade.

Neste sentido, desde a plena manifestação de Deus em Jesus Cristo, na morte e ressurreição de Jesus de Nazaré, a santidade de Deus se tornou, para nós homens, essencialmente um dom. Em Cristo morto e ressuscitado, no Messias Ungido pelo Pai, resplandece a divina Santidade encarnada; em suas gloriosas feridas podemos contemplar o rosto humano da Santidade como um dom, o dom supremo da vida, da pró-existência



e do sacrifício; à luz do Ressuscitado, contemplamos, então, o destino indedutível, mas real e cumprido em Jesus Cristo, de nossa própria carne glorificada, ressuscitada e, portanto, santificada.

A santidade reconhecida, desejada, mas inacessível do Antigo Testamento torna-se a santidade encarnada em Jesus de Nazaré no Novo Testamento; encarnada e na Cruz, jorrando do lado trespassado de Nosso Senhor, doada, derramada sobre a humanidade, através da missão indispensável da Igreja.

A Igreja é o manto de Aarão sobre o qual desce o óleo da santidade divina e através do qual, mediante a proclamação da palavra e especialmente da celebração dos sacramentos, a santidade única de Deus é doada aos homens.

A santidade do Ungido do Senhor, de Jesus Cristo, é o óleo perfumado que desce sobre a cabeça, que é Cristo, e que desce até a orla de sua veste, que cobre o seu Corpo que é a Igreja (cf. Sl 132, 2). A Igreja é santa, a Igreja é ungida pelo Senhor, a Igreja é a depositária da integridade da Revelação Divina e da integridade dos meios de salvação. O Esposo enriqueceu sua Noiva, tornando-a participante de toda a sua herança! Não há, queridos amigos, na sponsalidade entre Cristo e a Igreja, separação alguma de bens! Todos os bens do Esposo são compartilhados pela Esposa, que é sempre *Ecclesia de Trinitate!*



2. Reconciliação e santidade

Nesta Igreja una, santa, católica e apostólica, nesta Igreja que é ela mesma o sacramento universal da salvação, vivem, porque são celebrados, os sete sinais sacramentais, queridos direta ou indiretamente por Cristo e confiados à Igreja, que regula sua celebração. Existe uma reciprocidade insuperável, uma reciprocidade vital entre os sacramentos e a Igreja: os sacramentos vivem na Igreja e são celebrados pela Igreja e, ao mesmo tempo, a Igreja vive graças aos sacramentos e é edificada por eles.

Se devemos reconhecer que este aspecto da reciprocidade é particularmente evidente e eficaz na celebração da Eucaristia, o verdadeiro coração da vida da Igreja e o motor de sua edificação e, portanto, reconhecemos uma potestade da Eucaristia em relação à Igreja, não podemos deixar de reconhecer o papel dos outros seis sacramentos em relação à edificação do Corpo de Cristo: o Batismo, que incorpora na Igreja; a Confirmação, que habilita a ser testemunha dela; o Matrimônio, que realiza sua dimensão doméstica; a Unção dos Enfermos, que expressa seu rosto sofrido, santificando também essa condição de vida; as Ordens Sagradas, que expressam a paternidade Crística da Igreja na forma da hierarquia sagrada; a Reconciliação, um verdadeiro lavacro de purificação, que reassocia com o Corpo eclesial o pecador que dele foi separado, pois, pecando mortalmente, não só se separa de Deus, mas



também de seu Corpo, que é a Igreja.

O Sacramento da Reconciliação, portanto, tem duas dimensões inseparáveis, que sempre coexistem: a dimensão negativa da libertação do pecado e a dimensão positiva da renovada atribuição da inocência batismal.

Muitas vezes esta legítima e necessária dualidade do sacramento vê enfatizado apenas o aspecto negativo, de libertação do pecado. Por mais que esta libertação seja um pressuposto indispensável para qualquer possível caminho de santidade, não podemos deixar de notar a parcialidade de tal visão. Permito-me fazer um paralelo com a Teologia da Redenção e com a Cristologia. Enfatizar apenas o aspecto negativo da remissão dos pecados do Sacramento da Reconciliação, seria como afirmar na cristologia que Deus se fez homem e morreu na cruz apenas para perdoar nossos pecados, para nos salvar do pecado original e nos reconciliar com Deus. Isto é verdade, é absolutamente verdade, mas é apenas uma parte daquilo a que chamamos redenção.

Da Cruz e da Ressurreição de Cristo brota não só a remissão do pecado

do homem, mas, muito mais, se abre a porta da sua divinização, da sua participação na vida, da glória e até da natureza divina, como afirma São Pedro (cf. *2 Pd* 1, 4). O pulmão oriental da Igreja recorda com maior força este elemento de divinização, que para nós, no Ocidente, é expresso particularmente pela Teologia da Graça, que vê em Santo Agostinho um mestre insuperável.

É necessário que a Igreja respire sempre com os seus dois pulmões, é necessário manter sempre unidas as duas dimensões negativa e positiva do Sacramento da Reconciliação como libertação do pecado e caminho de santificação, aliás, como libertação do pecado e santificação real gratuitamente doada.

Para isso, creio que é indispensável ler o sacramento da Reconciliação sob a lente do sacramento primordial da salvação que é o Batismo. Não é por acaso que, durante séculos, o Sacramento da Reconciliação também foi chamado “segunda reconciliação”, já que a primeira remissão dos pecados foi aquela obtida no Sagrado Batismo.

Assim como o Batismo perdoa o pecado original e todos os pecados



cometidos até aquele momento, assim como o Batismo nos enxerta no corpo eclesial e nos torna participantes de todos os bens da Igreja, assim como o Batismo nos insere na dinâmica trinitária do Amor divino, tornando-nos filhos adotivos de Deus e irmãos de nosso Senhor Jesus Cristo, assim também o Sacramento da Reconciliação nos liberta do pecado e nos devolve aquela dignidade filial que o pecado mortal desfigura, e aquela comunhão eclesial e trinitária da qual ele separa.

Neste sentido, podemos dizer que o Sacramento da Reconciliação é o caminho da santidade, no sentido de que é o caminho pelo qual Deus nos santifica, devolve-nos a santidade que perdemos por causa do pecado pessoal.

Como confessores ou futuros confessores, a Igreja pede que sejais sempre sensíveis a esta dupla dimensão. Se





é verdade que os fiéis, quase instintivamente, enfatizarão mais a primeira, o confessor é chamado a fazer sobressair também a segunda, para que o sacramento não seja visto como o mero e mecanicista “resetar o contador” dos pecados, mas como uma experiência real do abraço divino, uma reinserção na circularidade do Amor Trinitário, que nos foi doado livremente e no qual fomos enxertados livremente no Santo Batismo.

No Sacramento da Reconciliação, a santidade doada se encontra, misteriosa mas verdadeiramente, com o anseio de santidade presente em cada homem.

Se não houvesse esse anseio, por que nossos irmãos se aproximariam da Reconciliação? Eles pedem a misericórdia divina certamente para serem libertados de seus pecados, mas também de um misterioso desejo, um anseio de santidade, presente no coração de cada homem.

Este desejo de santidade não é muito diferente do desejo de Deus, da realidade do homem capaz de agostiniana memória (cf. *De Trinit.*, XIV, 8). O ho-

mem que deseja Deus, que deseja reconciliar-se com Ele, é o homem que anseia pela santidade, e este anseio encontra seu cumprimento na santidade de Cristo, Deus feito homem, que não é outra coisa senão a santidade de Deus oferecida a nós homens.

O crente individual que se ajoelha no confessional pedindo a misericórdia divina expressa, num gesto simples mas eficaz, o anseio de santidade presente no coração do homem; nenhuma força externa, nenhum poder civil, obriga nem jamais poderia forçar esse simples gesto de humilhação suplicante. É portanto o triunfo, a manifestação da liberdade, que seguindo seu próprio anseio de santidade e querendo ser libertado do pecado, pede salvação, pede redenção, pede santidade.

A absolvição sacramental, onde obviamente existam as condições, é a resposta de santidade que Deus oferece ao anseio de santidade do homem! É a resposta da graça divina à liberdade suplicante do homem; como todas as respostas de Deus, a misericórdia divina é absolutamente superabundante, excessiva, completamente desproporcional à demanda do homem. Esta

desproporção tem sua raiz teológica precisamente na transcendência de Deus; Deus é Deus, é por isso que Ele ama sem medida, é por isso que Ele perdoa sem medida, é por isso que Ele é livre de nos associar a Sua Santidade sem medida e sem qualquer outro mérito nosso exceto nossa liberdade, que está aberta a Ele em intenção e atos.

Neste sentido, portanto, o sacramento da Reconciliação é o sacramento da santidade; ele não só santifica, como todos os sacramentos, aqueles que os celebram como ministros e como fiéis leigos, mas é um caminho verdadeiro, um

meio, um método pelo qual o Santo dos Santos, que tornou acessível sua santidade em Jesus Cristo e em seu Corpo que é a Igreja, deseja tocar cada homem, chamá-lo à comunhão consigo mesmo e inseri-lo na dinâmica amorosa da Trindade.

A este respeito, caros amigos, permitam-me apontar uma categoria indispensável para poder interpretar corretamente e, em minha opinião, explicar também aos nossos fiéis, algo desta dinâmica positiva do Sacramento da Reconciliação.

Existe uma categoria teológica, hoje bastante esquecida, ou pior, interpretada apenas em uma chave sociológica, que, ao invés disso, deveria ser urgentemente recuperada: a categoria da participação. Fomos tornados participantes da Vida divina; fomos tornados participantes da Santidade divina; a categoria teológica de participação indica a real inserção na dinâmica da Santidade divina, salvaguardando permanentemente a alteridade entre Criador e criatura e, portanto, não reduzindo a graça e sua transcendência a algo humanamente dedutível. Participamos de algo maior, do qual nos tornamos parte, mas do qual não somos os autores. Penso que a recuperação inteligente e catequética desta categoria teológica seria de grande benefício, não só para



a teologia, mas também para a pastoral. Recordemos sempre que a participação é o pressuposto teológico, mas também psicológico, da pertença: só se pode participar daquilo a que se pertence e só se pode pertencer àquilo em que se participa.

A virtuosa circularidade entre participação e pertença formará progressivamente, também através da fiel celebração do sacramento da Reconciliação, a consciência do crente individual de não pertencer a si mesmo, mas a Deus e, portanto, de ser feito participante de sua Vida e, ao mesmo tempo, a consciência da participação na Vida divina levará progressivamente àquela necessária expropriação de si mesmo, que determina a pertença a outro.

3. A santidade como caminho

Todos nós sabemos como a santidade que Deus nos doou nos sacramentos exige de cada um de nós um progressivo caminho de apropriação constante. O homem, chamado à santidade e que recebe esse dom de Deus, é constantemente chamado a apropriar-se deste dom em um percurso de progressiva conformação com o dom recebido. Como podemos esquecer, a este respeito, o grito que atravessou o pontificado de São João Paulo II: «Homem torna-te aquilo que és».

O sacramento da Reconciliação, que realiza todas as vezes que é celebrado tanto o elemento negativo de liber-

tação do pecado quanto o elemento positivo de santificação, tem também em sua dimensão mais pastoral e relacional uma função de caminho progressivo de santificação da alma penitente. Todos sabemos que o primeiro passo na santidade, o primeiro passo para aceitar a santidade que Deus quer nos dar, é a renúncia ao pecado, cortar com o pecado, detestar o próprio pecado, evitar o pecado.

Não há nada mais distante de Deus do que o pecado! Deus, que nunca detesta o pecador, que não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva (cf. *Êz* 33, 11), detesta profundamente o pecado, no sentido de que a santidade divina é o que



existe de mais distante do pecado. É necessário então fazer maturar, na consciência de cada crente, através de uma ação pastoral, delicada e paciente, mas determinada a olhar para a meta, uma clara consciência desta separação entre o pecado e a vida cristã.

Se olharmos bem, caros amigos, esta separação está claramente documentada na Igreja primitiva: tanto nos Atos dos Apóstolos como na Carta aos Romanos, assim como em outros escritos do Novo Testamento, fica claro que a Igreja primitiva considerava o pecado como algo absolutamente distante do mero cristianismo. Sabeis bem que, durante séculos, o Sacramento da Reconciliação foi considerado irrepetível, justamente por causa deste altíssimo nível de identidade cristã em relação à Santidade de Deus. Se a sabedoria da Igreja compreendeu que a vontade salvífica de Deus e sua misericórdia eram infinitamente amplas – e este Tribunal da Penitenciaría Apostólica é um testemunho secular disso – contudo não faltou da parte do homem o desprendimento do pecado em relação à santidade de Deus e a capacidade de receber o dom da santidade.

Detestar o pecado, desprender-se dele interiormente, reconhecê-lo humildemente, sentir sincera dor e estar determinado a não cometê-lo novamente, através da vontade atual, é a condição para poder ser absolvido, ou seja, reinserido na dinâmica sobrenatural da graça que desde a Trindade chega à Igreja e que da Igreja se eleva como resposta e como louvor à Trindade.

Neste sentido, o Sacramento da Reconciliação, além de ser objetivamente um caminho de santidade doado, é também pastoral e pedagogicamente um caminho progressivo de santidade.

Encontrareis, no vosso ministério, pecadores que necessitam de um profundo lavacro de regeneração, imersos durante anos ou décadas no pecado mortal e necessitados de um caminho de redenção capaz de amadurecer neles um profundo desapego do pecado. Mas encontrareis também pessoas que estão longe, muito longe do pecado mortal intencional e que lutam diariamente por uma perfeição cada vez maior, por um anseio de santidade sempre maior. Deveis acolher e acompanhar os primeiros, abençoar e encorajar os segundos e reconhecer sempre, de forma vigilante, a diferença entre delicadeza de ânimo, louvável e desejável, e escrúpulo, perigoso e detestável.

Por fim, o Sacramento da Reconciliação é uma forma de santificação para nós mesmos, ministros que o celebramos. O sacerdote que celebra a Reconciliação sacramental é chamado, antes de mais, a ser santo. Ele é chamado antes de tudo a se deixar reconciliar continuamente com Deus, a detestar o pecado e nunca o pecador, a se deixar purificar pelo exercício de seu ministério, no qual a vontade do Santo de se tornar carne, a vontade de Deus de se manifestar como misericórdia santificadora, ecoa constante e efetivamente. Uma misericórdia da qual o sacerdote, sem mérito próprio, tornou-se um ministro, ou seja, um servo. Um confessor que vive assim sua missão não pode deixar de caminhar rumo à santidade, não pode deixar de ser, ele mesmo, um instrumento santificado de santificação, um instrumento de perdão perdoado, um santo santificado, um filho perdoado e, portanto, um pai misericordioso.

Confio à Virgem Santíssima o vosso ministério de confessores, na certeza, radicada na fé, de que também através de vós, hoje, o Santo deseja mostrar-se à humanidade, abraçá-la e santificá-la, acolhendo o dom que cada liberdade faz de si mesma, desprendendo-se do pecado e mergulhando no oceano infinito do amor.



AS VERÔNICAS

A Irmã Marie de Saint Pierre (1816-1848) era uma Carmelita Descalça, originária de Rennes, que viveu durante nove anos no Carmelo de Tours. O Senhor lhe confiou a missão de difundir a devoção à Sua Sagrada Face.

Em 25 de agosto de 1843, Jesus lhe revelou:

“Meu nome é blasfemado por todos: até as crianças blasfemam e o pecado horrível fere abertamente meu Coração. O pecador com a blasfêmia ofende Deus, desafia-o abertamente, destrói a Redenção, pronuncia sua própria condenação. A blasfêmia é uma flecha envenenada que penetra em meu coração. Eu te darei uma flecha dourada para curar a ferida do pecador”.

Em 1845, o Senhor revelou à Irmã Marie que dese-

java almas semelhantes à Santa Verônica, ou seja, que tivessem a mesma coragem para limpar a Face ensanguentada de Jesus. Queria que fizessem reparações pelos insultos e ofensas: “Procuro Verônicas que purifiquem e honrem Minha Face Divina, que tem poucos adoradores”.

A Irmã Marie pediu a seu confessor que falasse sobre isto ao Arcebispo de Tours, que veio ao Carmelo para falar pessoalmente com ela. A Irmã Marie recomendou a reparação e a veneração da Sagrada Face:

“Esta Face maravilhosa é o espelho das perfeições contidas no Santíssimo Nome de Deus”. Também entendi que, assim como o Sagrado Coração de Jesus é o objeto sensível oferecido à nossa adoração para representar Seu imenso amor pelo Santíssimo Sacramento do altar: assim, no trabalho de reparação, a Sagrada Face de Nosso Senhor é o objeto sensível oferecido à adoração dos membros para reparar os ultrajes dos blasfemadores que ofendem a Divindade da qual Ele é a imagem, o espelho e a expressão. Em





virtude desta Venerável Face apresentada ao Pai Eterno, podemos apaziguar Sua justa ira e obter a conversão dos ímpios e blasfemadores”.

Em várias ocasiões, Jesus revelou à Irmã Marie os dons de graça ligados a esta devoção:

“Oh! se você pudesse ver a beleza da minha Face! Mas seus olhos estão muito fracos. Ela é como o selo da divindade, que tem a virtude de imprimir a imagem de Deus nas almas que a contemplam. E ainda: “Pela minha Sagrada Face fareis maravilhas”.

“Através da minha Sagrada Face obtereis a salvação de muitos pecadores. Através da oferta da minha Face nada vos





será recusado. Oh, se soubésseis o quanto a minha Face agrada a meu Pai”!

“Assim como num reino tudo se compra com uma moeda na qual está impressa a efigie do príncipe, assim com a preciosa moeda de minha santa Humanidade, isto é, com a minha Face adorável, obtereis no Reino dos Céus o que precisais”.

“De acordo com a solicitude que tereis em restaurar o meu semblante desfigurado pelos blasfemadores, eu cuidarei do semblante das vossas almas, desfiguradas pelo pecado: nelas restabelecerei minha imagem, e as farei tão belas como eram quando saíram da fonte batismal”.

“Defenderei diante de meu Pai a causa de todos aqueles que, por meio da obra de reparação, seja por orações, palavras ou por escrito, defenderem minha causa, na morte limperei o rosto de sua alma, lavando as manchas do pecado e restituindo-lhe a sua beleza primitiva”.

Depois da morte da Irmã Marie, em 1885 o Papa Leão XIII instituiu uma Confraria da Sagrada Face em Tours. Em 26 de abril de 1885, Saint Louis Martin, o pai de Santa Teresa de Lisieux, inscreveu-se juntamente com as suas quatro filhas no registro da Confraria.

Cântico à Sagrada Face

de Santa Teresa de Lisieux

Sua imagem inefável, Jesus,
É a estrela que guia meus passos!
Você sabe bem, seu rosto doce
É meu paraíso aqui na terra.
Eu desejo, para consolar você,
viver escondida e solitária;
A beleza que você oculta
abre seu mistério para mim.

Sua Face é minha única pátria,
Sua Face é meu reino de amor,
prado encantador.
sol doce de cada dia!
Sua Face é o lírio do vale,
Consola seu perfume misterioso
o exílio da minha alma
com a alegria da paz do Céu!

Sua Face é a minha única riqueza,
Nada mais eu peço
E me escondendo em sua Face
Jesus, eu serei parecida com você!



Deixe em mim a marca divina
De suas características suaves
Em breve me tornarei santa, atraindo
corações para você!

Sua Face é minha única pátria,
Sua Face é meu reino de amor,
prado encantador.
sol doce de cada dia!
Sua Face é o lírio do vale,
seu perfume misterioso consola
o exílio da minha alma
com a alegria da paz do Céu!

Do Diário de Madre Maria Pierina De Micheli

*"Fiquei três dias sem
Comunhão! Hoje, Jesus
finalmente veio ao meu coração.
Eu simplesmente não aguentava
mais. Exausta em todos os
sentidos. Meu Deus, me dá a
força para fazer Tua vontade.
Ontem à noite recitei os cinco
Glórias ao Sagrado Coração
e um a São Silvestre, pedindo
obedientemente que curassem*

*meu pulmão e me dessem um
pouco de trégua dos ataques do
inimigo. Uma voz distinta se
fez ouvir: "Vai a Fabriano,
sobe até à Ermida e no túmulo
de São Silvestre terás a graça
que procuras", e eu pensei:
como é possível em meu estado
enfraquecido fazer isso? E a
voz: "Não discutas; tem fé".
"Meu Deus, que a Vossa
vontade seja feita em tudo e
sempre" (12 de junho de 1941)*



